

# UMA REFERÊNCIA CONSTANTE PARA A MINHA GERAÇÃO

Assim, de relance, olho para trás e reconhecimento que afinal toda a minha geração teve no **Diário de Lisboa** uma das referências mais constantes. Num país mentido por censores e censu-

subservientes, era aqui que encontramos os sinais da resistência do dia-a-dia e da nossa identidade cultural. Encontrámo-los muitas vezes com argú- mentos de leitura ou através de silêncios orgu- losos em resposta aos exibicionismos do

... é verdade. A sintaxe jornalística dos anos da Ditadura debatia-se entre o formalismo burocrático do discurso oficial imperativo de o desprezar ou de o criticar mesmo que por sucessivos engenhos de comunicação. Mas, neste país as duas leituras, havia outros dados de dignidade que se opunham à manipulação da consciência pública — e um deles, o mais persistente talvez, era a dignificação da Cultura aos olhos do cidadão quotidiano.

Aqui, ocorre-me sublinhar, de imediato, a importância que o Suplemento Literário do jornal assumiu na revelação e no diálogo das Letras e das Artes ao longo impé- rioscurantista da, assim chamada, Polí- tica do Espírito. Para mim e para os jovens

escritores, de então, essa parcela do **Diário de Lisboa** era uma abertura estimulante à independência e à criatividade numa comarca cristianíssima infestada de superstições anticulturais.

Levar semanalmente a Literatura e a Arte ao conhecimento de milhares e milhares de leitores anónimos é uma forma de preservar e enriquecer a identidade nacional, mas é, também, algo que ultrapassa os limites imediatos da Imprensa de Informação para se situar em capítulo maior na História da Cultura. Sem a divulgação que Gaspar Simões, por exemplo, exerceu durante tantos anos no Suplemento do **Diário de Lisboa** muitas das vozes mais reconhecidas da nossa prosa e da nossa poesia de hoje ter-se-iam, talvez, silenciado ou não ganhariam o eco que as fez lembrar na hora da liberdade. Sem as contribuições à análise dos modernistas, da Presença e do Orfeu, que ele publicou neste jornal, talvez Fernando Pessoa não estivesse hoje tão perto de nós como está.

Fui responsável, durante vários meses, do Suplemento do **Diário de Lisboa** e foime gratificante essa tarefa. Permitiu-me avaliar certas sensibilizações provincianas que resultavam, ao cabo e ao resto, de uma sociedade censurada, mas proporcionou-me acima de tudo um conhecimento assombroso — assombroso, é o termo — do que representavam essas folhas semanais



José Cardoso Pires

no património da nossa Cultura.

Porque era um trabalho que já vinha de longe, esse. Fazia parte da filosofia do próprio jornal desde as suas primeiras horas e trazia consigo a experiência dos maiores escritores e artistas do nosso tempo: Almada, Botelho, Abel Salazar, Aquilino, Sérgio, Lopes Vieira, José Régio... E prolongava-se em Carlos de Oliveira, Eugénio de An-

drade, Oscar Lopes, Eduardo Lourenço... E ia em frente: depois da minha geração (O'Neil, Cesariny, Ramos Rosa, Pinheiro Torres) uma outra, vinda do Suplemento Juvenil dirigido por Mário Castrim, tomava lugar nesse ponto de encontro, e lá estavam Eduardo Prado Coelho, Fiama Hasse de Pais Brandão, Alice Vieira, Nuno Júdice e outros jovens da Poesia Universitária.

Agora que novos rostos, novas vozes, nos irá trazer o **Diário de Lisboa**?

Do próprio corpo da Redacção saíram escritores como José Carlos de Vasconcelos, Fernando Assis Pacheco e Artur Portela Filho, mas esses, à sua obra de ficção, somavam o violento e apaixonante exercício de jornalistas de todos os dias. E é, realmente, impiedosa e estimulante essa experiência. Eu próprio, após o 25 de Abril, quando trabalhei a tempo inteiro no **Diário de Lisboa**, aprendi como no corpo mais íntimo de um jornal se vive cada minuto de um país. Como, melhor do que qualquer outro, nesse espaço limitado de trabalho se conhece e se interroga, instante a instante, todo o pulsar humano e social duma trajetória colectiva.

Gabriel Garcia Marquez dizia que um jornal é uma comunidade de fora para dentro, que se reflecte e se alarga para o exterior dum território sentimental que se prolonga num público de companheiros fiéis e desconhecidos dispersos por toda a parte. É certamente daí que lhe vem a sua vitalidade e o fatalismo de morrer e nascer todos os dias.

Para mim, foi realmente um impulso de renovação que me ditou o jornalismo e foi, em comunidade sob pressão do quotidiano, que ali fiz amigos para sempre.